



O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA INTEGRAÇÃO DO RECÉM-NASCIDO NA FAMÍLIA ALARGADA: CONFRONTANDO DIFERENTES PERSPETIVAS

The process of transition of the extended family in the newborn's integration: Comparing Different Perspectives

MARIA ISABEL MOREIRA

Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Centro de Saúde de Ponta Delgada da USISM, Ponta Delgada, Portugal.

✉ maria.iv.moreira@azores.gov.pt

MARIA HENRIQUETA FIGUEIREDO

Professor Coordenador, Doutora em Enfermagem. ESEP - Escola Superior de Enfermagem do Porto, CINTESIS - Centro de Investigação em Tecnologias e Serviços de Saúde, Porto, Portugal.

CÁRMEN ANDRADE

Professor Adjunto, Doutora em Enfermagem. Escola Superior de Saúde da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal.

Abstract

Understanding the process of transition of the extended family in the newborn's integration was the aim of this study.

It is a qualitative study using the Grounded Theory. It is based on 14 families of one of the autonomous regions of Portugal and the semi-structured interview was used for data collection. The Causal Condition - **Comparing Different Perspectives** emerged from the analysis. It is characterized as the beginning of the newborn's integration in the family process trajectory, where the extended family hasn't integrated the changes yet and shows some difficulties in its operationalization. In the newborn's integration in the extended family process: Comparing Different Perspectives represents the confrontations/conflicts inside the cohabiting family, due to the existence of different perspectives in raising the new member.

Thus, the study enabled us to understand not only the transitional process dynamics, as it is a reflection point and a raising of awareness to the change/innovation of the practice and formation contexts, but also how the extended family deals with the beginning of the experience as far as the newborn's integration in the family transition is concerned.

KEYWORDS: NURSING; EXTENDED FAMILY; NEWBORN; TRANSITION.

INTRODUÇÃO

A família é o mais importante grupo de socialização, onde os indivíduos crescem e se desenvolvem. A família como unidade caracteriza-se essencialmente pelas inter-relações estabelecidas entre os seus membros, num contexto específico de organização, estrutura e funcionalidade.^(1 p. 29)

A família é entendida como um todo e em partes indivisíveis, com uma visão global da sua estrutura e desenvolvimento⁽¹⁾⁽²⁾. É considerada como unidade elementar da sociedade, sendo reconhecida a importância dos elementos que a integram, relativamente à sua saúde e doença, pois o estado de saúde de cada elemento influencia o estado de saúde da família e consequentemente da comunidade¹⁽³⁾. O modelo dinâmico de avaliação e intervenção familiar explica a dinâmica familiar à luz das características de um sistema, onde interpreta e explica o fenómeno através das ligações e interdependência.

Esclarece que, para que o sistema funcione em equilíbrio, é essencial que todos os subsistemas se adaptem às exigências impostas pelas mudanças, para que se consolidem as relações²⁽¹⁾⁽⁴⁾.

O desenvolvimento da família acontece através de transições ao longo do tempo, gerando mudanças esperadas e/ou inesperadas. O nascimento de uma criança leva à formação de um novo subsistema (parental), isto é, os progenitores necessitam de definir os papéis parentais e de se adaptarem ao novo estatuto. Isso implica desenvolver ações e interações que compreendem o desenvolvimento da criança e a aquisição da identidade parental⁽¹⁾⁽⁵⁾. Neste sentido, o papel parental é definido como o padrão de interação que integra o conhecimento e aptidão para o de-

envolvimento de comportamentos em reciprocidade, que permitam a aquisição da identidade parental e o desenvolvimento da criança^(1 p. 85). Deste modo, a parentalidade é considerada uma das transições mais importantes e marcantes na vida das famílias pois é promotora de grandes mudanças em todos os seus elementos⁽⁶⁾.

Mesmo sendo um evento normativo, o percurso que se segue, após o nascimento do primeiro filho, nunca mais será igual ao que era antes, modificando decisivamente a identidade, papéis e funções de toda a família⁽⁶⁾. Na família alargada, um conjunto de reorganizações relacionais também acontece quando ela vive a integração do recém-nascido (RN), no seio da família. Os estudos na área da saúde familiar que assumem como foco a integração do RN na família, centram-se em particular na parentalidade, nos comportamentos parentais e nos processos que regulam esses mesmos comportamentos⁽⁷⁾⁽⁸⁾⁽⁹⁾⁽¹⁰⁾⁽¹¹⁾⁽¹²⁾.

Os estudos que assumem a parentalidade no âmbito da família alargada, estão relacionados com: (i) a compreensão do papel que os avós têm para a dinâmica familiar, quer como recurso quer como transmissão de saberes numa perspetiva intergeracional⁽¹³⁾; (ii) a perspetiva sistémica da Família multigeracional e das relações interrelacionais⁽¹⁴⁾; (iii) a compreensão das famílias numerosas, dentro de uma abordagem sistémica⁽¹⁵⁾⁽¹⁶⁾ onde identificam a participação efetiva dos membros da família nos cuidados à puérpera e ao RN após alta hospitalar, assim como analisa a dinâmica da família durante esse período.

Deste modo, a evolução da parentalidade em paralelo com outras tarefas da vida dos pais, nomeadamente as relações intergeracionais

parecem estar ainda por esclarecer com maior profundidade.

Este artigo foca a condição causal "Confrontando diferentes perspetivas" que integra a teoria explicativa que emergiu do estudo que desenvolvemos "Integração do RN na família alargada: um processo construído na interação dos seus membros, no âmbito do projeto de doutoramento em enfermagem.

OBJETIVOS

Os resultados pretendem contribuir para entender processos de transição, nomeadamente no que diz respeito à integração do RN no âmbito da família alargada, dando a conhecer o desenvolvimento do fenómeno para que se possa ter um conhecimento mais profundo sobre este processo, com o intuito de dar respostas mais adequadas.

MÉTODOS

Para compreender o processo de integração do RN na família alargada, a *Grounded Theory* torna-se particularmente útil. Assim, tendo por base a linha de pensamento de Strauss e Corbin⁽¹⁷⁾, o desenho do estudo apresentou-se do modo como está descrito no **Diagrama 1**. Os participantes do estudo foram 14 famílias, num total de 57 membros. Os participantes residem em concelhos distintos de uma região autónoma de Portugal.

No **quadro 1**, fazemos a apresentação das famílias que participaram no estudo quanto ao nº de membros e o grau de parentesco com relação ao RN.

Para a colheita de dados optou-se por entrevistas semiestruturadas de grupo, efetuadas no domicílio da família, que foram sendo gravadas em formato digital, e transcritas nos moldes a que a metodologia utilizada exige.



As entrevistas, no primeiro momento, para além de obterem dados sociodemográficos das famílias, visaram identificar aspetos que a família considerava serem caracterizadores do processo de transição da família alargada na integração de um novo membro. As entrevistas, num segundo momento, para além de validarem o dito anteriormente, serviram para completar alguma informação necessária. A colheita de dados foi efetuada no período de março a julho de 2015 e os critérios de inclusão foram: (i) o novo membro ser um primeiro filho saudável, de um subsistema conjugal; (ii) tratar-se de uma família alargada – até à 3ª geração, isto é, o novo membro pertencer pelo menos à 3ª geração, no genograma; que coabita com os progenitores e (iii) o novo membro ter idade superior a nove meses e inferior a 24 meses. Neste sentido, optou-se por uma amostra intencional. O número de participantes decorreu da saturação dos dados, ou seja, a partir do momento em que o discurso começou a repetir-se, a colheita de dados foi encerrada. Para a identificação das famílias,

foi pedida a colaboração dos enfermeiros afetos às consultas de enfermagem de saúde infantil da instituição por nós escolhida. Primeiramente, foi pedida autorização, por escrito, à instituição e, obtida a anuência, foram explicados os objetivos do estudo aos enfermeiros, a fim de conseguirmos o seu apoio para selecionarem as famílias que cumprissem os critérios de elegibilidade.

Após esta etapa, estivemos presentes nas consultas de enfermagem, com o intuito de estabelecer e agendar os contatos necessários à obtenção do consentimento informado, livre e esclarecido. Na obtenção do consentimento informado escrito, as famílias foram esclarecidas quanto: ao seu anonimato; à sua participação voluntária e à ausência de riscos pessoais. Para preservar o anonimato dos participantes e no sentido de diferenciar os relatores, foram atribuídos aos membros da família o seu grau de parentesco (com relação ao novo membro), seguida da letra E (de entrevista) e do número da entrevista. O local e a hora foram combinados

consoante as preferências das famílias em questão. A colheita e análise de dados aconteceram seguindo as orientações da *grounded theory*⁽¹⁷⁾. O tratamento de dados foi realizado através do programa MAXQDA 10, o qual é recomendado pelos autores.

RESULTADOS

Na teoria explicativa desenvolvida, as respostas encetadas pela família organizam-se em torno da condição causal “Confrontando diferentes perspetivas” e da condição interveniente “Condições intervenientes no fenómeno integração do RN na família alargada”, com impacto nas “respostas dadas pela família alargada para lidar com a integração do RN” e nas consequências que o fenómeno provoca nestas famílias. Tudo isso é construído tendo por base a interação entre os diferentes membros da família, tal como está representado no **Diagrama 2**.

A condição causal do fenómeno: “Confrontando diferentes perspetivas” foco de abordagem deste artigo, apresenta-se como a circuns-

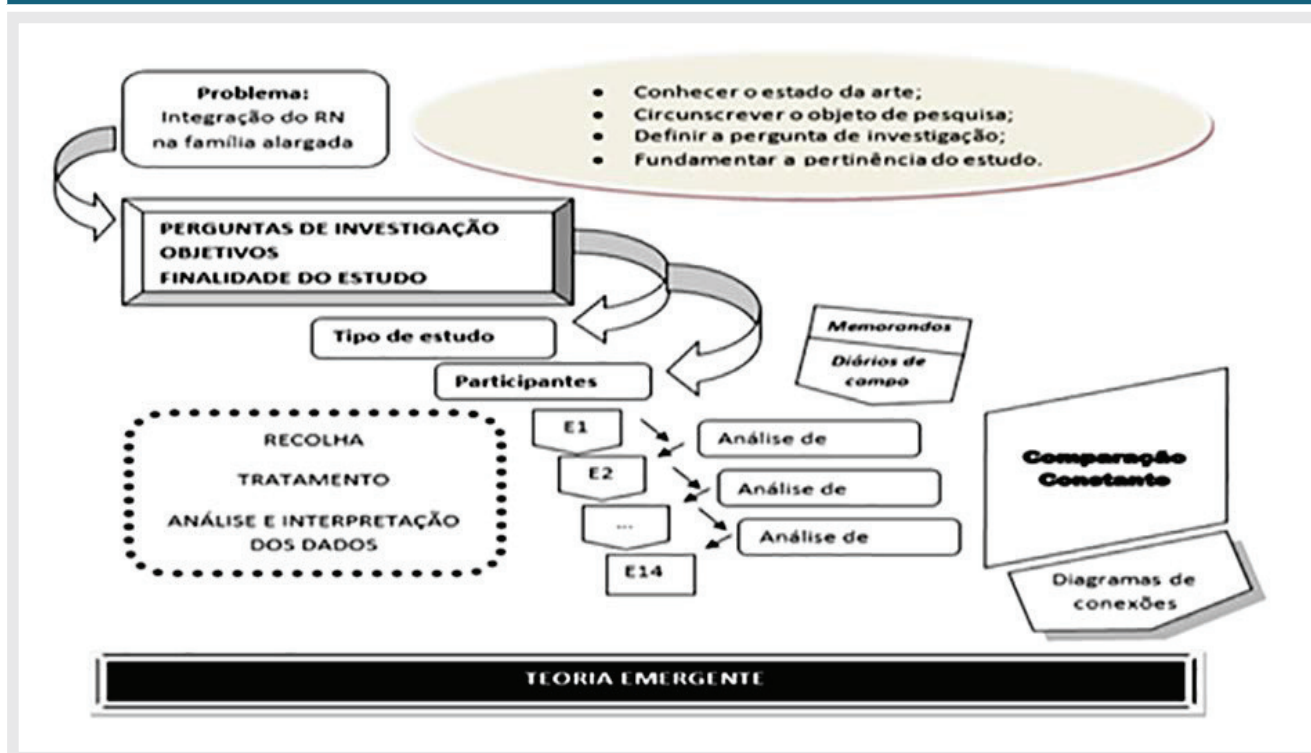
QUADRO 1

CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS FAMÍLIAS DO ESTUDO

FAMÍLIA	AGREGADO	PARENTESCO
Família 1	6 Pessoas	Avô materno; Avó materna; Tio; Pai, Mãe e Criança (11 meses)
Família 2	6 Pessoas	Avô paterno; Avó paterna; Tio; Pai, mãe e Criança (10 meses)
Família 3	5 Pessoas	Avô materno; Avó materna; Pai; Mãe e Criança (11 meses)
Família 4	6 Pessoas	Avô materno; Avó; Pai; Mãe; Tio e Criança (13 meses).
Família 5	5 Pessoas	Avô materno; Avó materna; Pai; Mãe e Criança (14 meses)
Família 6	6 Pessoas	Avó paterna; Pai; Mãe; Tia e Criança (10 meses)
Família 7	4 Pessoas	Avó paterna; Pai; Mãe e Criança (9 meses)
Família 8	7 Pessoas	Avó paterna; Avô paterno; Pai; Mãe; Tio; Tia e Criança (10 meses)
Família 9	6 Pessoas	Avó paterna; Avô paterno; pai; mãe; tio e Criança (17 meses)
Família 10	4 Pessoas	Avó paterna; Pai; Mãe e Criança (11 meses)
Família 11	4 Pessoas	Avó paterna; Pai; Mãe e Criança (18 meses)
Família 12	3 Pessoas	Avó paterna; Mãe e Criança (24 meses)
Família 13	5 Pessoas	Avó paterna; Pai; Mãe e Criança (15 meses)
Família 14	5 Pessoas	Avó materna; Mãe; Tia e Criança (14 meses)

DIAGRAMA 1

DESENHO DO ESTUDO



tância que influencia o fenómeno em estudo. Neste caso, é na fase inicial do processo que despontam os confrontos de perspetivas de educação do novo membro, em espaço partilhado. **(Diagrama 3).** Esta condição surge como a circunstância que influencia o fenómeno em estudo e integra duas categorias: (i) Educando o novo membro e (ii) Partilhando o mesmo espaço.

EDUCANDO O NOVO MEMBRO (Diagrama 4) surge como uma nova função uma vez que os pais têm que ajudar os filhos a crescerem, socializando-os, no sentido de estes alcançarem progressivamente a sua autonomia.

O **(Des)respeito pelos diferentes papéis** surge como sendo uma subcategoria que engloba o modo de atuação dos membros da família no que à educação diz respeito. Se, por um lado, há famílias que respeitam os diferentes papéis que cada um desempenha no seio familiar, por outro, existem fami-

liares que não têm a capacidade de entender quais as fronteiras da sua atuação

"(...) aí eu respeito muito se o pai ou a mãe brigam com ele e eu não vou dar o carinho a ele (...)" (Avó E);

"(...) eu não admito que brinquem com o menino e pego nele." (Avô E9).

Existem situações familiares que os avós acabam por se responsabilizar por diferentes tarefas, **Interferindo na educação da criança.** Isso porque muitos avós veem na relação com os seus netos a oportunidade para realizar ou reatualizar a função materna ou paterna exercida (ou não) com os seus filhos

"Eu faço ao M. (bebé) o que fazia a ele (pai) quando era pequeno." (Avô E2).

Mesmo que existam desentendimentos entre pais e avós, a participação deles na vida dos netos é marcada pela organização e história de cada família levando-os, muitas vezes, **(Não) fazendo a dis-**

tinção de papéis

"(...) acho que entrou mais três filhos para casa. (...) eu tento trata-la como uma filha..." (Avó E2).

Não obstante, apesar do envolvimento na vida dos netos, há avós que entendem que não são os educadores principais, e tentam respeitar os seus filhos nesse novo papel **Depositando nos pais o papel da educação**

"não vou intervir, (...) eu sempre respeitei. O que ela (filha) diz eu não interfiro." (Avô E1).

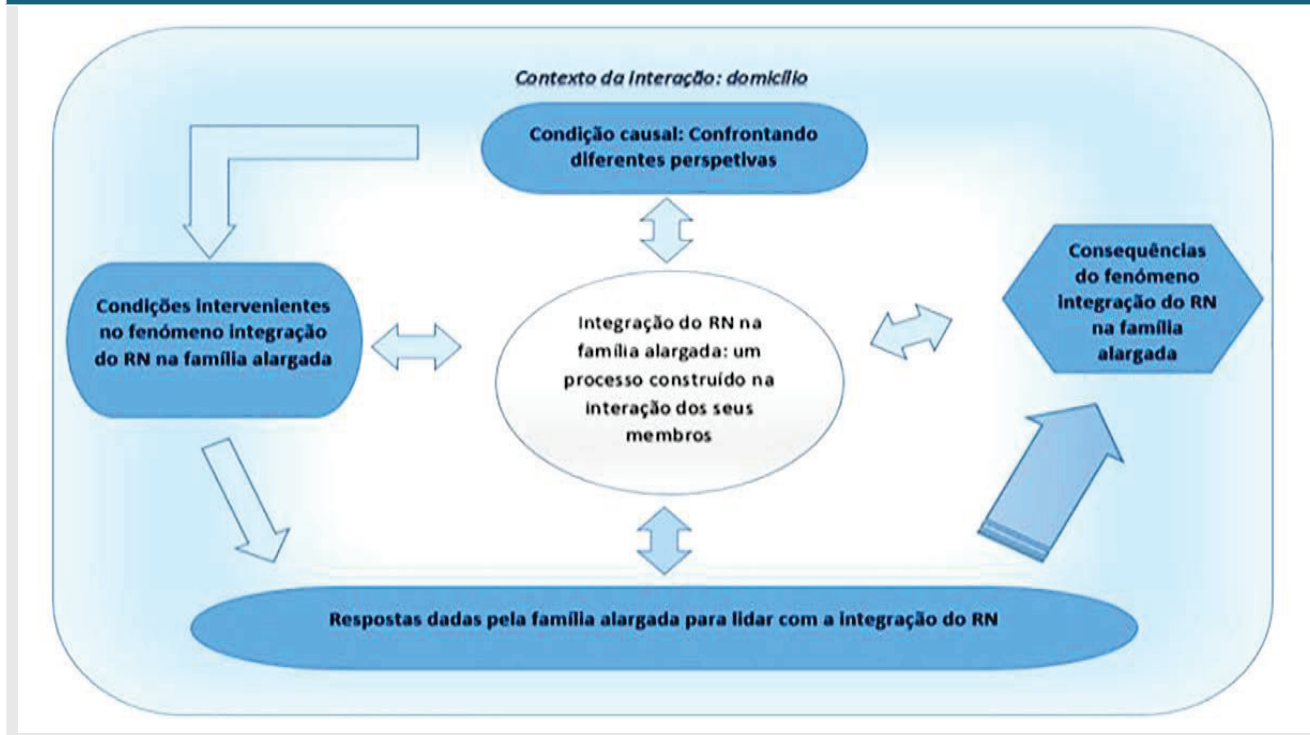
Os avós funcionam como uma ponte com o passado, integrando a história das diferentes gerações. Isso leva, muitas vezes, à situação **Educando de forma diferente/igual.** Se, por um lado, há pais que têm a mesma forma de pensar que os seus pais sobre a educação que querem dar aos seus filhos, **Pas-sando de geração em geração**

"(...) quero incutir no meu filho o que me foi incutido (...)" (Mãe E9)

por outro, há pais que não se iden-

DIAGRAMA 2

INTEGRAÇÃO DO RN NA FAMÍLIA ALARGADA: UM PROCESSO CONSTRUÍDO NA INTERAÇÃO DOS SEUS MEMBROS: UMA TEORIA EXPLICATIVA.



tificam com a forma como foram educados e querem modificar o modo como vão educar os seus filhos

"eu não quero que o meu filho passe por aquilo que eu passei. (...) por isso é que fiz e faço tudo diferente." (Mãe E2).

O papel dos padrinhos na educação da criança é algo que também está presente, nalgumas famílias, tomando um papel importante a nível da educação

"Quando o pai não está o tio é que tem que dar a educação. Faz o papel de padrinho." (Pai E8);

Assim, o processo educativo familiar é um processo pela qual as gerações adultas contribuem para o desenvolvimento pessoal e para a socialização dos mais novos.

PARTILHANDO O MESMO ESPAÇO com outros membros da família, será também uma condição causal do fenómeno em estudo, uma vez que torna o processo mais comple-

xo pois terá que haver maior articulação entre as representações que cada um tem sobre a função de educar, o que nem sempre acontece de forma pacífica, tal como está mencionado no **Diagrama 5**. Quando a família partilha o mesmo espaço no seu dia-a-dia, as relações que se estabelecem tornam-se mais estreitas levando a uma **Relação mais próxima pelo facto de coabitar**

"Falo muito com o N. (pai), com a F. (avó) e só depois vem a minha mãe. Para já porque agora vivo aqui, logo passo mais tempo aqui do que com a minha mãe (...)" (Mãe E9).

Pelo facto de coabitarem, há uma **Influência da nova situação nos diferentes membros** levando-os a irem *Perspetivando os papéis dos outros membros* e concomitantemente, vão *Perspetivando o papel de pai*

"Com a vinda do T. comecei a pensar também num dia que eu venha a ter algum. (...)" (Tio E1).

Mesmo com os constrangimentos que a família alargada enfrenta quando coabita, há, por parte de alguns membros, **Vontade de manter a família a viver na mesma casa**

"Por mim, eles nunca sairiam desta casa." (Avó E4).

Para os avós, os netos representam o símbolo do prolongamento da sua própria vida. Neste sentido, o facto dos filhos e netos partilharem o mesmo espaço com eles, faz com que se sintam úteis e acompanhados

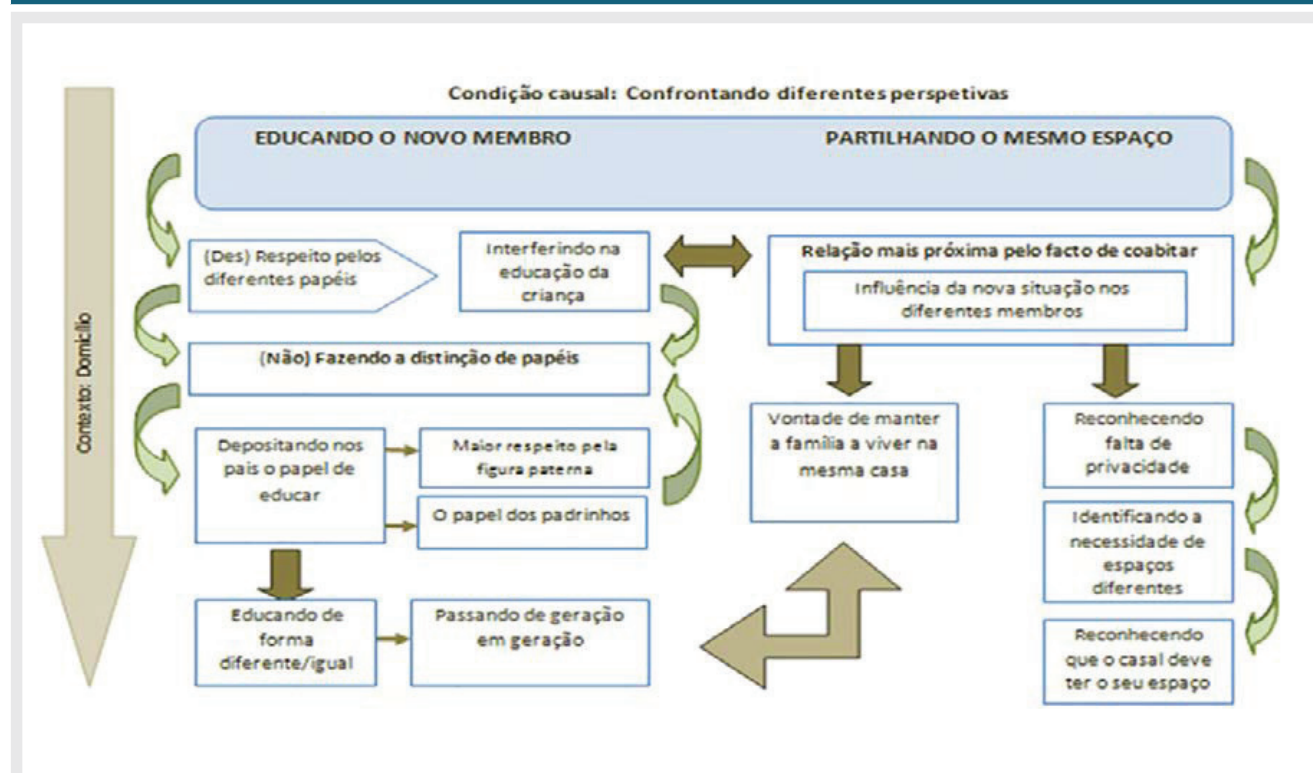
"O que queria era que eles estivessem sempre aqui, com a gente." (Avó E8).

Ainda assim, os membros da família têm a plena consciência que cada subsistema precisa ter o seu espaço e vão **Reconhecendo falta de privacidade**, vão **Reconhecendo que o casal deve ter o seu espaço** logo vão **Identificando a necessidade de espaços diferentes**

"(...) mas pronto, acho bem que eles tenham o seu cantinho (...)" (Avó E13).

DIAGRAMA 3

DIMENSÃO CONDIÇÃO CAUSAL – CONFRONTANDO DIFERENTES PERSPETIVAS



Isso porque, a união entre os cônjuges não progride se cada elemento estiver demasiado ligado à restante família. Assim, sentem a necessidade de criar um espaço e uma identidade própria e comum, gerando estabilidade tornando-os independentes.

DISCUSSÃO

Conforme os resultados apresentados, a integração do RN na família alargada "Um processo construído na interação dos seus membros" constitui um processo interativo que inicia com o nascimento do novo membro. A família é um sistema interativo e qualquer ocorrência com um dos seus elementos afeta todos os outros⁽¹⁾ ⁽¹⁸⁾. Deste modo, **Confrontando diferentes perspetivas** (Diagrama 3) advém das mudanças que perturbam a dinâmica familiar, aquando do processo uma vez que o nível de complexidade das relações familiares aumenta quando há várias

gerações a partilharem o mesmo espaço.

Os diferentes papéis e funções que, pais, avós, tios, entre outros, desempenham levam, muitas vezes, a divergências pois os limites de atuação nem sempre são compreendidos e respeitados e as perspetivas de educar das várias gerações são dissemelhantes⁽¹⁹⁾. A educação do novo membro, em espaços partilhados, influencia o modo como o processo de integração do RN acontece, na vida da família alargada. Os resultados de um estudo realizado, vêm corroborar esta ideia, na medida em que evidenciam que as famílias vivenciam o nascimento de uma criança como sendo um evento compartilhado por todos os membros da família, em que o nível de complexidade aumenta na família alargada, uma vez que as ligações existentes entre os membros e os diferentes papéis e funções que desempenham, leva a uma complexificação do processo de transição⁽¹⁶⁾.

Há diferentes razões e fatores, de ordem emocional e familiar, que determinam a ampliação dos papéis e funções exercidos pelos avós: (i) o forte vínculo da relação, influenciado pelo facto de coabitarem; (ii) o número elevado de subsistemas; (iii) a coexistência de indivíduos e famílias nucleares em praticamente todas as fases do desenvolvimento individual e familiar. Isso porque a família é cada vez mais relacional e os acontecimentos familiares não são acontecimentos isolados, constroem-se progressivamente e a maneira como cada elemento da família vivencia estes momentos, não a reduz aos indivíduos que a compõem, mas antes à compreensão dos laços que as formam⁽²⁰⁾. O modo como os diferentes membros educam as crianças traz consigo a sua história de vida com diferentes culturas/valores. Assim, surge, nalgumas famílias, uma plataforma de consenso, permitindo a que todos tenham a

DIAGRAMA 4

CATEGORIA EDUCANDO O NOVO MEMBRO

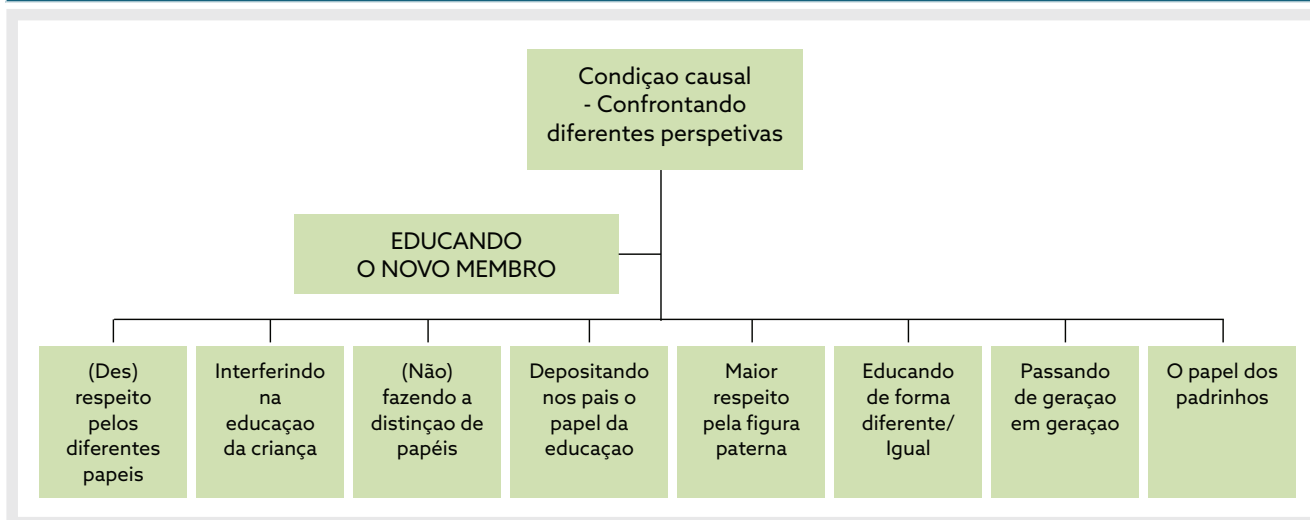
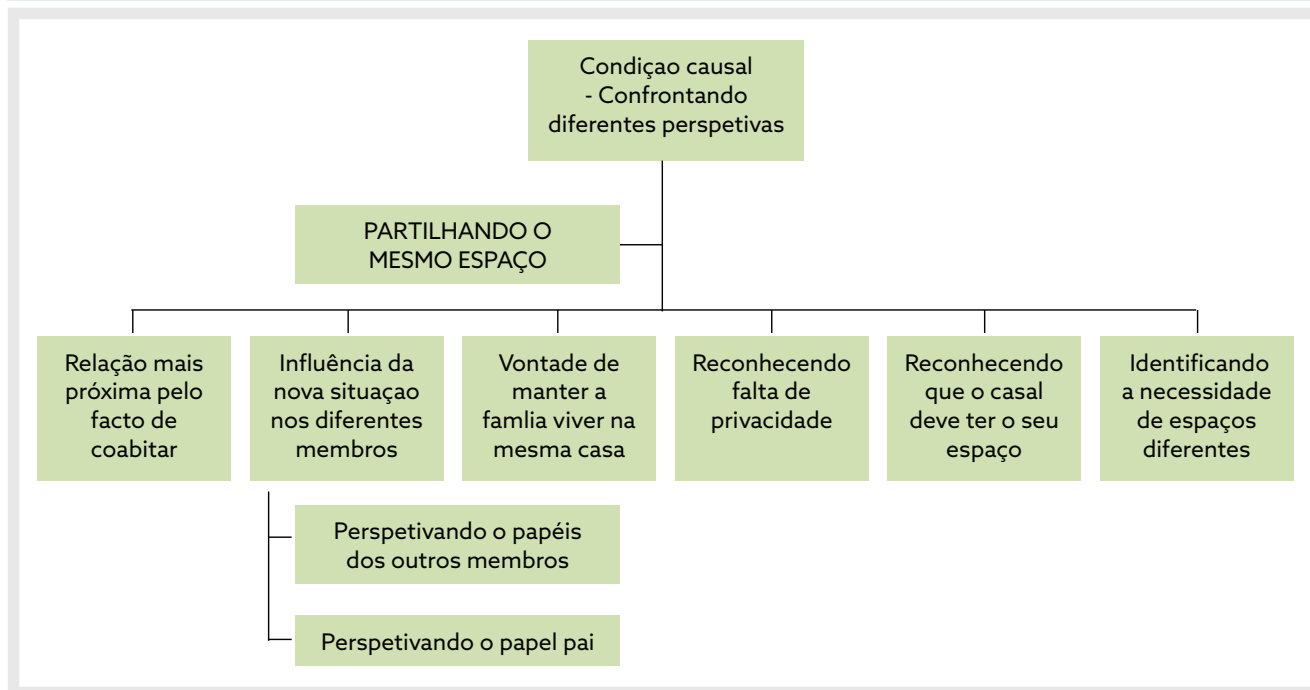


DIAGRAMA 5

CATEGORIA PARTILHANDO O MESMO ESPAÇO



mesma postura no que ao modelo educativo diz respeito. No entanto, há pais que assumem um estilo educativo mais permissivo, porque foram educados em ambientes onde predominou a restrição severa, e, como reação, recusam-se a exercer tanto controlo e limites aos comportamentos dos filhos. Neste sentido, foi identificado pelas famí-

lias que é essencial uma reflexão conjunta e uma partilha de decisões e devem, também, deixar que a própria personalidade da criança ajude no processo de educação. Em suma, o apoio dos outros subsistemas é, de facto, importante na vida dos casais, no sentido de sentirem segurança no modo como vão viver o processo de educa-

ção do novo membro, quando há consenso na forma de o educar. Aos avós, pelo facto de os filhos e netos partilharem o mesmo espaço faz com que: (i) se sintam úteis e acompanhados; (ii) sintam ter maior oportunidade de transmitir os valores e cultura da sua família aos netos e de (iii) sintam vontade de manter os filhos a vive-

rem na sua casa face ao medo da solidão que, origina, muitas vezes, um sentimento de dependência. No entanto, embora sintam esta necessidade, quer os pais quer os avós reconhecem que é importante não só para o casal como para a restante família, terem o seu próprio espaço.

Estes resultados revelam que uma transição não se reduz apenas ao acontecimento que a fundamenta, mas articula-se com as alterações que dela resultam.

CONCLUSÕES

É na fase inicial do processo de transição da integração do RN na família alargada que surgem confrontos de perspetivas na questão da educação do novo membro, acrescido do facto de os vários membros partilharem o mesmo

espaço. Esta fase, pode ser compreendida como o início da trajetória do processo de integração do RN, no seio familiar, podendo ser definida como o período em que a família alargada ainda não integrou as mudanças vividas, não conseguindo ter ainda determinado o modo como irão operacionaliza-las.

Todavia, num processo transaccional desta ordem, a família procura reorganizar-se e encontrar respostas que favoreçam a construção deste processo. Deste modo, as respostas concertadas pelas famílias são essencialmente relativas a reestruturações pessoais, familiares e sociais, isto é, a família vai experienciando mudanças que requerem uma maior interação familiar pois, por haver muitas transformações, a família sente a necessidade de gerir as relações,

e isso acontece com uma maior comunicação entre os diferentes membros.

A interação é assim central em todo o processo de transição da integração do RN na família alargada, sendo esta fulcral para o desenvolvimento de certas características pessoais e familiares que podem ajudar a família a reencontrar o seu equilíbrio no seu todo e individualmente.

Tendo em conta os resultados, julgamos que possibilitará a identificação de necessidades formativas conducentes à melhoria da qualidade do exercício profissional do enfermeiro, em contexto de cuidados de saúde primários, para além de contribuir para o desenvolvimento da própria disciplina de enfermagem. Logo, será também uma mais-valia na formação dos enfermeiros. ▴



Referências

1. Figueiredo, M. H. Modelo dinâmico de avaliação e intervenção familiar: Uma abordagem colaborativa em enfermagem de família. Loures: Lusociência; 2012. 195p.
2. International Council of Nurses. Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem: Versão 2.0. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros. 2010. 209 p.
3. Rebelo, L., Soares, A., Teixeira, A., Costa, A.M., Antão, C., Rosendo, I., Laginha, T. A Família em Medicina Geral e Familiar – Conceitos e Práticas. Lisboa: Health & Pharma Publishing. 2011. 226 p.
4. Figueiredo, M.H.. Enfermagem de Família: Um contexto do cuidar. [monografia na Internet]. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar: Universidade do Porto; 2009 [citado 2019 junho 14] Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/20569/2/Enfermagem%20de%20Família%20Um%20Contexto%20do%20CuidarMaria%20Henriqueta%20Figueiredo.pdf>
5. Matos, M. G., & Magalhães, A. S. Tornar-se pais: Sobre a expectativa de jovens adultos. Pensando Famílias, [Internet]. 2014. 18(1). [citado 2019 junho 14]; [13 páginas]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679494X2014000100008&script=s-ci_arttext
6. Cruz, C.; Nelas, P.; Coutinho, E.; Chaves C.; Amar O. .(2017). A influência do suporte social na vinculação pai/bebê. International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicologia, N°1 - Monográfico 2. ISSN: 0214-9877. [7 páginas]. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349853365013.pdf>
7. Lopes M.S. Apoiar na parentalidade positivas: áreas de intervenção de enfermagem. [monografia na Internet]. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. 2012. [citado 2019 junho 14] Disponível em: <file:///C:/Users/mivam/Downloads/tese%20de%20doutoramento.pdf>
8. Neves I.M.. Preparação para o parto – expectativas/vivências de um grupo de mulheres. [monografia na Internet]. 2012. [citado 2019 junho 9] Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9381/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Isabel%20Neves.pdf>
9. Ribeiro C. M. Coparentalidade, parentalidade e sintomas de externalização e internalização em crianças em idade pré-escolar. [monografia na Internet]. Porto: Universidade Lusofona do Porto. 2014. [citado 2019 junho 14]. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5879/tese%20final.pdf?sequence=1>
10. Andrade, L. M., Martins M. F., Angelo M., Ferreira dos Santos A., Martins T. V. & Martini J. G.. Identifying the effects of children on family relationships . Acta Paul Enferm [Internet]. 2014 27(4), [citado 2019 junho 19]; [6 páginas]. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=10&sid=0a47aa08-efe8-4b44-80e3-5a8871a-109c9%40sessionmgr4008&hid=4209>
11. Angley M., Divney A., Magriples U. & Kershaw T.. Social Support, Family Functioning and Parenting Competence in Adolescent Parents. Matern Child Health, [Internet]. 2015 [citado 2019 junho 12]; [6 páginas]. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=16&sid=0a47aa08-efe8-4b44-80e3-5a8871a109c9%40sessionmgr4008&hid=4209>
12. Wakely L., Rae, K., & Keatinge D. Fragile forgotten families: parenting a premature infant in a rural area, where is the evidence?. Neonatal, paediatric and child health nursing; 2015 novembro. [citado 2019 junho 19]; [5 páginas]. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=17&sid=0a47aa08-efe8-4b44-80e3-5a8871a-109c9%40sessionmgr4008&hid=4209>
13. Rodrigues J. P. Os Avós na Família e Sociedade Contemporâneas: Uma Abordagem Intergeracional e Intercultural. [Monografia na Internet]. Lisboa: Universidade Aberta 2013. [citado 2019 junho 7]. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3426/1/TD_Jo%20c3%a3oPauloRodrigues.pdf
14. Vicente H. Família multigeracional e relações intergeracionais: Perspectiva sistêmica. [Monografia na Internet]. Aveiro: Universidade de Aveiro. 2010. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3318/1/2010000703.pdf>
15. Lima A.; Esteves C.; Graça C.; Alves M. "Era uma vez uma família numerosa..." Uma abordagem sistêmica da Família. Trabalho elaborado em contexto académico, no âmbito da disciplina de Psicologia Sistêmica, Familiar e Comunitária 2005'06, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. [Internet]. 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/cspd0685/Desktop/doutoramento%201/documentação/bibliografia/família%20alargada/uma%20família%20numerosa.pdf>
16. Martins, C.A., Siqueira, K.M., Barbosa, M.A., Carvalho S.M.S. & Santos L.V. Dinâmica familiar em situação de nascimento e puerpério. Revista Eletrônica de Enfermagem [Internet]. 2008 outubro. [citado 2019 junho 14]; [10 páginas]. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a13.htm>
17. Strauss, A. & Corbin, J. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2ª ed. São Paulo: Artmed editor. 2008. 144p.
18. Gomes S. J.. A Terapia Familiar numa Perspectiva Epistemológica Sistêmica e Analítica. [Internet]. 2012 janeiro-dezembro. [citado 2019 junho 12]; [15 páginas]. Disponível em: <http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2709/1/A%20Terapia%20Familiar%20numa%20Perspectiva.pdf>
19. Neto, E. Ramos, M. e Silveira, E. Configurações familiares e implicações para o trabalho em saúde da criança em nível hospitalar. Physis Revista de Saúde Coletiva, [Internet]. 2016. 26 (3). [citado 2019 junho 14]; [18 páginas]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s010373312016000300013>
20. Lalanda, P.. Encruzilhadas na construção da identidade das mulheres. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2015. 281 p.